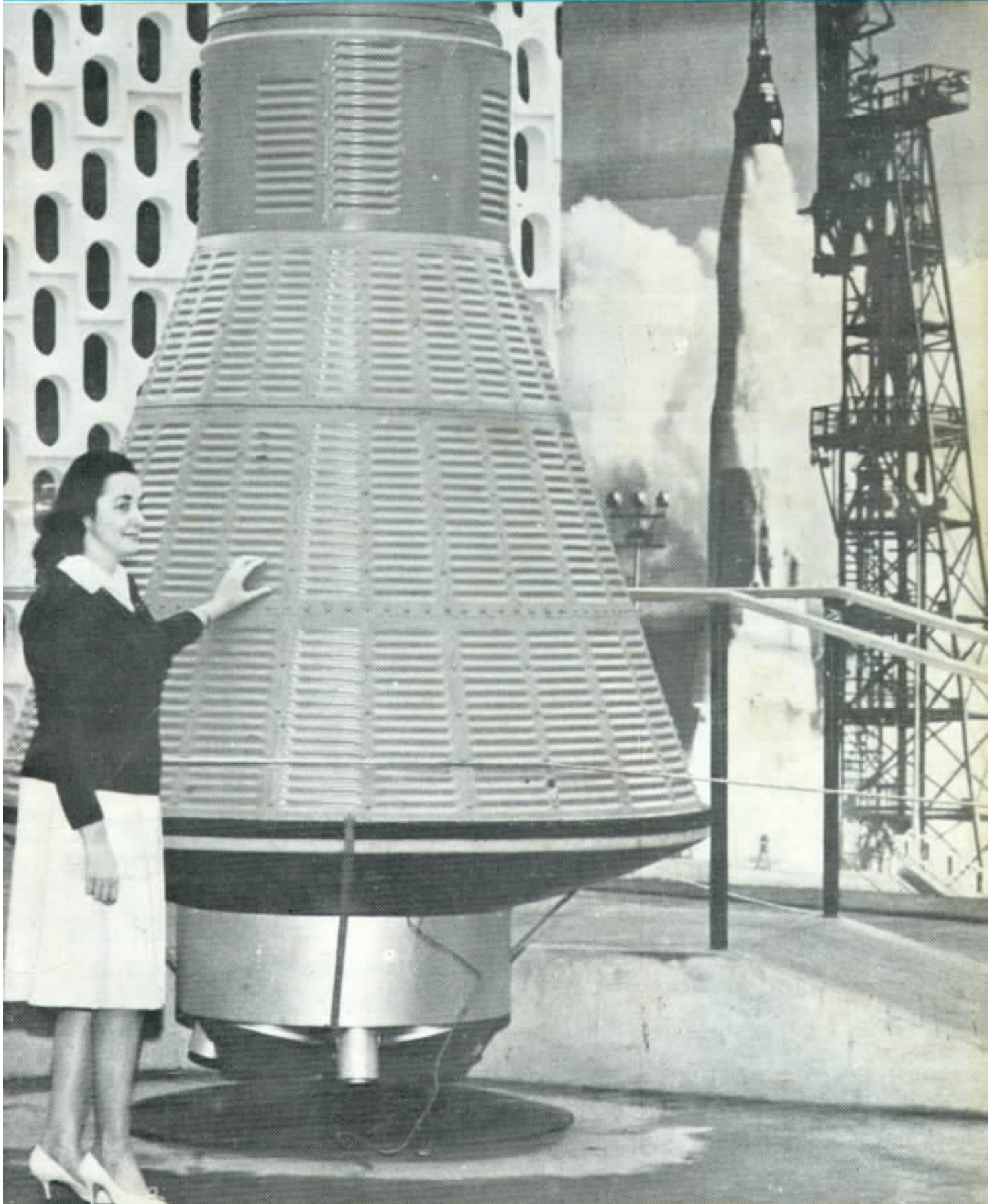


Sino Azul

N.º 5 — 1963



Sino Azul

ANO XXXVI N.º 5 — 1963

CAIXA POSTAL
N.º 450 - ZC - 00
RIO DE JANEIRO



REVISTA DOS
EMPREGADOS
DAS ORGANIZAÇÕES:

COMPANHIA TELEFÔNICA
BRASILEIRA

COMPANHIA TELEFÔNICA
DE MINAS GERAIS

COMPANHIA TELEFÔNICA
DO ESPÍRITO SANTO



NOSSA CAPA

Junto à réplica da nave espacial na qual foram feitas várias voltas à Terra, nossa colega Solange Bernardi assinala uma das causas do grande interesse despertado pela Exposição Americana.



Henry Borden teve atuação de destaque durante toda a sua gestão frente à Brazilian Traction. Deixando a presidência da empresa obteve os maiores elogios pelo trabalho que ali desenvolveu.

TEM NÔVO PRESIDENTE A BRAZILIAN TRACTION

No Brasil o Sr. John Grant
Glassco - Homenagens a
Henry Borden

Eleito há pouco, presidente da Brazilian Traction, veio ao Brasil, em inspeção às organizações componentes da empresa, o sr. John Grant Glassco, sendo-lhe tributadas inúmeras homenagens, homenagens que também não faltaram à figura veneranda de Henry Borden, seu antecessor que deixa agora o cargo que tanto ilustrou.

LAFER DISTINGUE AÇÃO DE BORDEN

Ao deixar a presidência da Brazilian Traction, Henry Borden motivou, de parte da imprensa brasileira, alguns comentários à sua atuação frente a esse grupo de empresas que devem ser ressaltados, pelo que significam em matéria de reconhecimento à sua ação de amigo do Brasil.

Entre essas referências destaca-se um artigo do ex-ministro da Fazenda, Horácio Lafer, ao qual deu o próprio nome de Borden, enviado de São Paulo, para todos os jornais da grande cadeia mantida pelos "Diários Associados".

"Eu acabara de obter a aprovação do meu plano, que veio a se chamar "os acordos de Washington": empréstimo de 500 milhões de dólares para portos, estradas de ferro, navegações, energia, indústrias de base, a criação do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico, que fornecera os cruzeiros para as obras nacionais, dentro de um planejamento de cooperação através da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, sob a minha presidência, isto é, do Brasil.

"Logo em seguida, procurou-me, em Nova York, Henry Borden. Expôs-me as dificuldades para obter recursos e a necessidade imperiosa de a Light and Power aumentar a sua produção de energia elétrica a fim de atender ao Brasil. Pedi-me que desse uma palavra de simpatia ao presiden-

te do Banco Mundial, Eugene Black.

"Henry Borden impressionou-me pela sua angústia ante o problema. Era a vibração, o nervosismo de um homem que tinha missão a cumprir e a qual era mais forte do que interesses materiais de uma empresa ou de particulares.

"Imediatamente informei o presidente Black:

— "Todo o recurso que o senhor conceder à Light, para o aumento do seu potencial de energia, representará um serviço ao Brasil".

"Respondeu-me aquele amigo:

— "A impressão que Borden me dá é que ele pensa tanto nos interesses do Brasil como se fôsse um homem do seu governo".

"E Borden venceu.

Mais adiante, em seu artigo, Lafer divulga outro fato marcante da atividade de Henry Borden de que pode dar seguro testemunho.

"Em companhia de Antonio Galotti e João da Silva Monteiro, Borden fez-me, certa vez, no Ministério da Fazenda, um relatório impressionante.

"Era fatal, dentro de dois ou três anos, a crise de energia, afetando São Paulo. Somente uma Usina Termoelétrica poderia salvar a situação, dada a rapidez de sua montagem.

"Entretanto os dias transcorriam, os obstáculos, visíveis e invisíveis, surgiam de todos os lados e o perigo se aproximava de São Paulo enquanto as discussões divertiam os bizantinos.

"Resolvi reunir todos os órgãos governamentais conexos com o problema.

Lafer expõe então, dificuldades encontradas e a oposição à construção da usina em São Paulo, julgada desnecessária na região, afirmando que, baseado no que Borden lhe dissera, insistiu na construção e que fôsse mesmo em São Paulo.

"Foi assim, paulistas, — diz êle — que a Usina Pira-

tinga, ainda aumentada depois, pôde ser uma realidade.

"Não viesse ela a existir e o racionamento, em São Paulo, teria sido em porcentagem imprevisível e catastrófica.

"Lembre-se, pois, o industrial que poderia ter paralisada a sua fábrica, o operário que teria seu salário diminuído, o governo, com a arrecadação prejudicada que, não fôsse o espírito lutador de Henry Borden, assistido pela sua equipe constituída por Antonio Galotti, Silva Monteiro, Odilon de Sousa, Marinho Lutz, êstes desastres teriam caído sobre São Paulo".

Depois de mais algumas considerações, arremata Lafer: "recorde-se Henry Borden que o seu esforço foi compreendido pelos brasileiros que o conheceram e que, cumprindo o seu dever para com a empresa, serviu, como o faria o melhor dos filhos desta terra, a São Paulo e ao Brasil".

O NÓVO PRESIDENTE

Nos salões do Automóvel Clube de São Paulo, num grande almôço que lhe foi oferecido pela São Paulo Light S. A., o sr. John Grant Glassco recebeu significativa homenagem a que compareceram entre outras altas personalidades, os srs. Laudo Natel, vice-governador do Estado; Horácio Lafer, ex-ministro da Fazenda; Paulo de Almeida Barbosa, presidente da Associação Comercial de S. Paulo; Antônio Galotti, vice-presidente da Light; Nelson Godoi Pereira, João Baptista Leopoldo Figueiredo, ex-presidente do Banco do Brasil; Eloi Chaves e o general Macedo Soares, além de muitos outros convivas.

À sobremesa, o sr. Antônio Galotti fez uso da palavra para apresentar o homenagem aos representantes das classes comercial e industrial que participavam do almôço, com estas palavras:

“Senhores

Levanto-me e contemplo com orgulho o grupo de homens que tenho diante de mim pelo que são, pelo que sabem e pelo que fazem em São Paulo, no Brasil e para o Brasil.

Vivo um instante de alegria e agradecimento envolto na honra de apresentá-los o Sr. John Grant Glassco, o nôvo presidente da “Brazilian Traction”.

Muitos aqui, de certo, já o conhecerão. Ele não é um nôvo na companhia: há cerca de oito anos, convocado por Henry Borden, partilhava, como vice-presidente, das responsabilidades de direção. Nem é esta a primeira vez que vem ao Brasil que aprendeu a querer e admirar em prolongados contatos.

Há, em John Grant Glassco, ao mesmo tempo, o ímpeto criador do homem de empresa e a visão ampla do homem público. Por isso mesmo, ninguém mais qualificado a substituir Henry Borden na sua difícil tarefa, que exige a conjugação daquelas raras qualidades: o próprio Borden o convocou para companheiro e sucessor.

Assume Glassco seus complexos deveres, num difícil momento da nossa vida nacional. Numa hora de crise que foi definida como a mais grave da nossa história republicana. Num instante do destino cujas contradições o professor San Tiago Dantas encerra nesta severa advertência:

“Um país onde se desencoraja a indústria privada, ao mesmo tempo em que se deteriora a empresa pública, nem se está preparando para uma expansão capitalista, nem para uma socialização, mas está simplesmente deixando-se ir ao impulso de uma corrente descendente, que pode ancorá-lo numa estagnação a longo prazo ou precipitá-lo numa desordem social”.

Assumindo a presidência depois que, sob a inspiração

profética e o comando efetivo de Borden, a Light elevou, na região a que serve, e de modo impressionante, os termos de expansão de serviços públicos essenciais — Glassco, ao mesmo tempo, pratica um ato de fé em face desse fecundo passado recente, e de coragem em face das perturbadoras dificuldades da atual conjuntura brasileira.

Está preparado para isso. Veio-se preparando ao curso de sua vida.

Começou pela formação cultural completada em Paris na Sorbonne e na Universidade McGill, em Montreal. Sua carreira de técnico em ciências econômicas, atuariais e contábeis levou-o à mais alta posição nas entidades da profissão, a presidência do seu organismo federal, o Instituto Canadense de Auditores. Ele aprendeu, assim, numa experiência de três intensos decênios, a conhecer por dentro a vida das empresas privadas e no exercício competente e hábil dos deveres profissionais é que se fez primeiro notar.

Começaram então, as autoridades públicas, a mobilizá-lo para tarefas técnicas. Fizera-no Assistente Conselheiro Financeiro das Comissões Reais de Preços, de Tarifas Alfandegárias e Impostos, de Indústria Têxtil e de Cooperativas. O governo de Ontário deu-lhe a mesma função quanto ao seu programa de oleodutos.

Abriam-se, assim, para êle, em seu país quase simultaneamente, os interesses da vida privada e os deveres da vida pública.

Elegeram-no presidente da Transatlantic Fund Company, vice-presidente do Canadian Imperial Bank of Commerce, diretor da Canadian Corporate Management, do Investors Syndicate, da Manufacturers Life Insurance, da National Trust Company, da Southam Company, da Texaco Canada Limited.

Achava ainda tempo para criar gado Santa Gertrudes,

pescar e colecionar selos; mas achava tempo também, e sobretudo, para exercer, durante oito anos, a presidência do Hospital de Crianças de Toronto, ou participar do Conselho de Governadores da Universidade de Toronto.

Curvar-se sobre a dor alheia e zelar pela cultura, não foram, todavia, suas únicas formas de servir a nação.

Foi o presidente da Comissão Real de Materiais Atômicos e da Campanha Nacional da Infância e acaba de deixar a posição de Diretor do Museu Nacional do Canadá.

Na guerra, o governo confiou-lhe a direção de duas grandes fábricas de aviões: seus serviços invulgares lhe valeram a Ordem do Império Britânico.

É recente, todavia, o momento culminante da carreira pública de John Grant Glassco: aquêle em que o governo canadense lhe deu o encargo de presidir a Comissão Real de Reforma Administrativa do país.

A tarefa não interessava apenas a 484.000 funcionários, 360.000 civis e 124.000 militares, mas a todo o complexo da vida nacional. A comissão ouviu cerca de 50 associações e 20 firmas de pesquisas, organizou um corpo de especialistas, visitou os Estados Unidos e a Inglaterra, e apresentou, no ano passado, em 5 volumes monumentais, seu relatório. Muitas de suas sugestões foram adotadas ainda no curso dos estudos. Outras, como as do famoso Relatório sobre a Pesquisa e Desenvolvimento Científicos, começam a refletir-se nos programas do governo.

Foi êsse homem, assim treinado na mecânica dos empreendimentos privados, assim provado na prática e nas concepções generosas do serviço social, assim experiente na revisão profunda das funções administrativas do Estado, que a Brazilian Traction, pela mão de Hen-



John Grant Glassco é o novo presidente da Brazilian Traction. Homem de larga experiência administrativa, o novo dirigente da empresa veio ao Brasil em viagem de inspeção.

ry Borden, convocou para o serviço do Brasil.

Bem sei, num constante convívio, quanto ele acredita em nosso destino. Por isto é que considero para mim uma honra, apresentá-lo ao grupo excepcional de homens públicos, responsáveis pela iniciativa privada paulista, aqui reunido, a esses homens raros e, ao mesmo tempo, representativos, que constroem a grandeza de São

Paulo e, através dela, um futuro melhor para o Brasil".

Após o Sr. Gallotti, falou o Sr. João Baptista Leopoldo Figueiredo, ex-presidente do Banco do Brasil que enalteceu a pessoa do novo presidente da Brazilian Traction, a quem coube então, encerrar a série de pronunciamentos, com um longo histórico das atividades da Light no Brasil.

DISCURSO

O sr. Grant Glassco, falando na oportunidade, salientou os méritos do sr. Henry Borden, "que nos últimos dezessete anos foi o grande líder e presidente da Brazilian Traction".

"E' uma pessoa difícil de suceder — disse — pois sua soma de realizações ocupa lugar de destaque entre os grandes feitos modernos no



Grupo formado no Aeroporto da Pampulha, em Belo Horizonte, quando da chegada à capital mineira, do casal Grant Glassco, o qual aparece ladeado pelo casal Lima Neto e pelos Srs. Pedro Renault Castanheira, Luís C. Portilho, Mário Pires e Hugo P. Soares.

campo dos serviços de utilidades públicas. No entanto, Henry Borden não se afastou para um descanso bem merecido. Foi elevado ao posto de presidente do Conselho de Diretores, no qual, com seu espírito de liderança, inspira a fixação das nossas diretrizes, sem deixar de permanecer atento aos nossos problemas cotidianos. O fato de sua visão, experiência e conselhos ainda estarem inteiramente ao nosso alcance constitui feliz circunstância para a Companhia, e, creio, para o Brasil".

Disse que a "Brazilian Traction" ocupa posição singular, entre as grandes empresas de serviços públicos do mundo. Suas ações pertencem a mais de cinquenta mil acionistas, grandes e pequenos, ricos e pobres, dis-

persos pelo Canadá, Estados Unidos, Grã-Bretanha, Bélgica, França e outros países. A Companhia não possui acionista majoritário, ou grupo que exerça controle sobre ela, nem se acha ligada a outras empresas de serviços públicos em qualquer parte do mundo. E como só executa serviços no Brasil, todos os seus esforços são dedicados aos interesses deste País.

"O empreendimento é administrado no Brasil por uma equipe altamente capaz, toda ela, sem exceção, residente no País", disse. Mostrou que a característica notável de sua direção é a preponderância absoluta do elemento brasileiro nos postos de comando.

"O fato de tantos brasileiros se sentirem satisfeitos, na atmosfera nacionalista de

hoje, em trabalhar sob o que muitos consideram uma bandeira estrangeira, deve-se à profunda convicção de que deles nada mais se espera senão, e acima de tudo, algo de incontestável valor para a sua Pátria, afirmou.

Salientou as realizações da empresa nas duas últimas décadas: a capacidade geradora instalada elevou-se em mais de 300 por cento; o número de telefones em serviço passou de 300.000 a 800.000; o volume de gás produzido quase triplicou.

INICIATIVA PRIVADA

"Nestes dias de agitações sociais, enfrentamos, quase cotidianamente, debates sobre a situação da iniciativa privada", disse o sr. Glassco. "Parece-me evidente ser a destruição de tal sistema o

objetivo principal dos que desejam a subversão da ordem social. Pessoalmente, sou adepto da livre empresa, convicção fortalecida por larga experiência de relações com a indústria e o governo em diversos países. Não é minha intenção, aqui, entrar no mérito do sistema — vós bem o conheceis. Há, contudo, dois de seus aspectos a que me referirei em breves palavras. O primeiro é o grau de maior eficiência administrativa da empresa privada: o preço da ineficiência que ocorra no setor público recai inevitavelmente sobre o povo, refletindo-se diretamente numa diminuição do padrão de vida. O segundo é a identidade de idéias e de propósitos entre as comunidades comerciais e industriais dos diferentes países. A cooperação e compreensão internacionais podem ser grandemente realçadas por esses grupos numerosos e influentes que guardam tanta afinidade de pontos de vista. Neste grande e dinâmico Estado de São Paulo, vemos a mais dramática demonstração do vigor da empresa privada em todas as Américas. Em nenhum outro lugar, o crescimento industrial foi mais espetacular e fundado sobre bases mais sólidas. Em nenhuma outra parte, a iniciativa particular contribuiu de modo mais efetivo para o progresso econômico de uma nação. E digo isto convicto de que aqui, neste salão, se acham presentes muitos dos responsáveis por esta obra monumental. Nós, da Light, temos orgulho de dela haver participado”.

Disse que a relutância do poder público em reajustar as tarifas à medida que a inflação progride, constitui uma desvantagem das empresas de serviços públicos e que as empresas de propriedade

de investidores estrangeiros mais sofrem, pois a hostilidade dos extremistas tende a dificultar a garantia de justo e adequado tratamento.

CAPITAL ESTRANGEIRO

“Para os que consideram excessivo o índice de capital estrangeiro aplicado em indústrias brasileiras — disse — citarei fatos atinentes ao Canadá. Temos hoje um investimento estrangeiro muito elevado naquele país, constituído, principalmente, de capitais privados norte-americanos e ingleses. O controle de grande parte de diversas indústrias canadenses acha-se em mãos de estrangeiros: 75% da indústria do petróleo e de gás natural, 77% da indústria química, 61% de mineração e fundição, e nada menos que 57% de toda a atividade manufatureira do Canadá. Pode não agradar uma participação, em tais níveis, do capital estrangeiro nessas atividades canadenses, mas certamente, com o tempo, a Nação readquirirá, por compra, o seu controle. Podeis, contudo, indagar, por que foi permitido que isto acontecesse. A resposta é simples: o investimento necessário para desenvolver o País, a um ritmo rápido, excedia, e de muito, a capacidade de poupança da nação canadense. Situava-se a questão, portanto, em optar entre um ritmo lento de desenvolvimento que fôssemos capazes de financiar, e a violenta explosão industrial que o investimento estrangeiro possibilitou. Não é possível, ao mesmo tempo, seguir os dois caminhos. Em consequência, entre 1951 e 1959, no Canadá, a renda “per capita” disponível aumentou de \$ 1.056 para \$ 1.368, ou, seja 29,5%; sua produção bruta “per capita” cresceu de \$ 1.511 para \$ 1.983, isto é... 31,2%; e seu volume de produção industrial, 41%. O Canadá, de simples nação de economia agrícola, passou a ser um

país industrial moderno: com uma população de 19 milhões, é, atualmente, a sexta potência industrial do mundo, ocupando o quarto lugar no comércio internacional. A remuneração do capital estrangeiro, embora represente atualmente parcela considerável no balanço de pagamentos canadenses, não é de modo algum razão de ressentimento ou clamor. Empregado produtivamente, esse capital cria, e deixa no país, muito mais riquezas do que drena. Somente quando se contraem empréstimos no estrangeiro para fins não produtivos, para compensar déficits orçamentários ou custear serviços não essenciais, seu povo encontra motivos de insatisfação, pois, levado a extremos, isso pode acarretar a insolvência do país”.

Disse o sr. Glassco que a “Brazilian Traction” é a maior empresa privada estrangeira do sul das fronteiras dos EUA, mas não se pode compará-la com investimento estrangeiro semelhante a certas grandes empresas de propriedade estrangeira existentes no Canadá, pois a “Brazilian Traction” não possui uma grande matriz no exterior, mas unicamente um numeroso e disperso corpo de acionistas não residentes no país a que serve.

Disse que os acionistas têm recebido tratamento inadequado, em virtude do fato de participarem das dificuldades e crises de crescimento deste grande país. Para proteger os interesses dos acionistas poder-se-ia fazer tudo para transferir fundos para o estrangeiro, deter os gastos de capital e paralisar o crescimento dos serviços, insistir infindavelmente na defesa de interesses e direitos definidos nos contratos, mas não se pensou em adotar semelhante política contrária aos mais altos e legítimos interesses do Brasil.



ERA um pesadelo em vermelho. Aqui e ali, a onda se ia avolumando, mas eu não compreendi imediatamente que aquele sangue era o meu. Logo veio a dor. A princípio em golpes pequenos, acompanhando as golfadas. De repente veio mais forte, terrível. Achei então que devia pedir ajuda ou morreria ali mesmo, sem ninguém a assistir-me.

Não sei dizer como consegui andar até a cama, ficar ereto sôbre um pé apenas e tirar o fone do gancho, do telefone que estava na parede. Nada aconteceu. Bati no gancho e apenas o silêncio se fazia cada vez mais angustiante em meu ouvido. Penso que comeci a perder a consciência e me sustentei no aparelho para não cair. Foi assim que descobri a manivela ao lado. Girei-a com quanta força me restava. Não sei quanto tempo se passou antes que ouvisse uma voz de mulher:

— Pronto!

— Escute, eu... eu descarreguei a espingarda na minha perna! Preciso... de ajuda. Estou perdendo muito sangue... Não consigo estancá-lo... e morrerei se não vier logo o socorro!... Mande... alguém... por favor!

Tudo escureceu outra vez e deixei cair minha cabeça no aparelho. A voz da mu-

lher era agora algo confuso no fone que também caiu. Meu desespero deu-me forças para reagir e consegui novamente levantá-lo até meu ouvido. Ela estava lá:

— Escute! escute... Está me ouvindo?

— Sim... estou... ouvindo.

— Ah, graças a Deus! Então onde está? Como poderei mandar ajuda se não sei onde encontrá-lo?

Sim, ela tinha razão. Mas o que lhe poderia eu dizer?

— Senhora... eu não sei onde estou! Estava caçando e de repente... o temporal! Perdi-me... vaguei de um lado para outro... até que consegui entrar nesta pequena casa de campo.

— Mas não tem ao menos uma idéia aproximada da localização?

— Sei que estávamos acampados na extremidade do lago e eu continuei andando, seguindo um pequeno caminho, mas não sei qual a direção, nem qual a distância que andei. Não sei! Não sei...

— Deve ser a casa dos Brown. É a única nesta região... mas é bem longe daqui e, depois do temporal, a estrada deve estar praticamente intransitável. Mas aqui há um jipe. Tenha calma. Vou enviar socorro imediatamente... Agora, diga-me: que fez pela sua perna?

— Nada!... O que é que eu posso fazer?!

— Está sangrando muito?

— Jorrando...

— Então coloque um torniquete antes que a perda de sangue o mate! Sabe o que é um torniquete, não sabe?

— Sim, sei como é...

— Pois faça um, imediatamente... Veja se há uma toalha por aí e amarre-a em torno da perna, o mais alto possível. Veja se pode achar a artéria que está sangrando e ponha o nó em cima. Gire o torniquete com uma faca ou um pedaço de madeira. Entendeu tudo quanto lhe disse?

— Sim... entendi.

— Então não perca tempo! Mas lembre-se que precisará desapertá-lo de quinze em quinze minutos. Quando você aplicar o torniquete, volte ao telefone que eu estarei esperando. Vá, vá depressa!

Diante do imperativo daquela voz creio que obedeci automaticamente. Não sei quanto tempo levei para arrastar-me até ao armário que via dali e voltar à cama. A princípio comeci a despir as calças, mas não consegui. Era tarefa além das forças que me restavam. Sentia frio e meu corpo tremia como se estivesse sofrendo ataque de malária. Não me preocupei com as calças. Colocaria a toalha assim mesmo. Consegui puxar uma cortina da pequena janela e amarrei um nó que segurei embaixo da toalha, depois torci com a faca de caça. Precisei torcer bastante para que o sangue deixasse de correr. O telefone produzia um som

confuso que me parecia bem mais distante que o Dia do Juízo. Não respondi. Estava completamente cansado, esgotado. Caí atrás da cama e fechei os olhos. Embora muito frio, o suor abundante dava-me a impressão de estar molhado pela chuva que corria lá fora.

O zumbido do fone continuava. Embora quisesse que parasse, logo ficava contente por ouvi-lo. E ele continuava, persistente como o negrume dos meus pensamentos.

Coloquei a faca no torniquete prêsso em minha cintura, depois de conseguir levar a perna boa ao chão, pegar o fone e dizer "alô".

— Ah! Até que enfim!... Já estava pensando o pior...

Talvez não tenha graça, mas eu achei e disse-lhe com humor tão negro quanto a situação:

— Acabo de voltar... Estava com frio e fui tomar um cafêzinho no bar...

— O quê?! Está com frio?

— Estou gelado!

— Não tem fogo? Aí não há lareira? Acenda-a!

— Senhora... não posso!

A voz parece ter se transformado:

— Olhe... Você se feriu, certo. Mas acha que por isso deve deixar-se morrer de frio sem fazer algo?

Não respondi.

— Já falei com o proprietário da casa e ele me disse que tudo que você precisa está aí. Tem papel ao lado do armário, madeira, carvão e fósforos...

— Eu tenho fósforos, respondi.

— Pois então deixe de ser covarde e faça o fogo!

Covarde! Covarde, eu! Irritado, bati o fone. Sem mesmo pensar, passei ao outro lado da cabana. Encolerizado peguei um jornal, amarrotei-o e o atirei à lareira. Catei alguns gravetos que ali estavam, uns pedaços de carvão e acendi um fósforo, chegando-o ao papel. Devo ter levado pouco tempo. Logo uma bela chama se erguia, quente e reconfortante. Mas, para mim, aquilo tinha custado o esforço de um ano inteiro. Arrastando-me, voltei à cama. A campainha do telefone tocava e tocava.

"Ao diabo com o telefone!", pensei. Deixei-o tocar. Mas a minha interlocutora não desistia. Levantei-me então e peguei o fone.

— O fogo já está aceso?

— Sim... sim... já acendi.

— Muito bem, agora ouça: há uma cafeteira embaixo da pia e uma lata de café na prateleira. Encha a cafeteira e ponha duas colheres grandes de café. Deixe ferver...

— Não aborreça com as suas ordens. Não quero café. Não quero coisa alguma! O que eu quero é descansar...

— Está bem. Você não quer café, mas eu mandei seis homens para aí a fim de

tirá-lo da situação que você mesmo arranjou. E eles devem querer dêsse café!

Ela afinal tinha razão e eu não devia ser tão descortez com quem apenas procurava ajudar-me.

— Você já desapertou o torniquete? Se não o fez, faça-o já!

O torniquete! Nem me lembrava da recomendação de desapertá-lo. Aquela voz me irritava, mas eu tinha que obedecer. Desapertei por alguns minutos e tornei a apertar.

Ainda não entendi como consegui encher a cafeteira de água, colocar o café e arrastar-me de volta à cama. Para mim nada mais tinha importância no mundo. O que desejava era dormir. Mas como dormir com um fone suspenso e uma voz grunhindo o tempo todo?

Não agüentei mais. Arranquei-me da cama e calei-a. Imediatamente o telefone voltou a tocar. Tapei os ouvidos mas não consegui livrar-me do ruído abafado. Resolvi atender.

— O café ainda não está fervendo?

— Está! Está sim!...

— Então vamos, beba logo uma xícara... duas xícaras, o que puder! E desaperte o torniquete outra vez!

Ignorava quem era ela e ela também não me conhecia, mas continuava a dar-me ordens como se eu fosse uma criança de seis anos. E, assim, intimidado por aquela voz que era o único elo que ainda me ligava ao mundo, continuei obedecendo.

— Agora coloque o fone no gancho e deite-se um pouco. Chamarei quando precisar desapertar o torniquete de novo!

Quanto tempo dormi não sei. Sei que estremei quando ouvi o telefone chamando novamente. Quando levantei a custo o fone e falei, a voz tinha algo de histérica.

— Ora bem! Felizmente, pensei que você já...

E súbito:

— Vamos, desaperte o torniquete!

O grito dela foi como um choque elétrico. Acordou-me completamente. Sentei-me na cama e tirei a faca da cintura. Não sentia a perna. Desesperadamente esfreguei-a, tentando restaurar a circulação. E rezava para que não tivesse dormido demais.

Realmente não tinha. A perna ainda estava com vida, uma vida que lentamente me voltava e me inundava a alma de reconhecimento por aquela voz tão distante, mas tão perto para mim.

Uma hora mais tarde, quando o pessoal de socorro chegou, sentia-me como se estivesse cheio de alfinêtes, exceto na parte ferida, e essa parecia-me estar incendiada.

No caminho para o hospital fui informado de que a telefonista, para minha sorte, era também enfermeira. Uma enfermeira dotada de rara energia, mesmo pelo telefone. E de que foi a primeira vez que exerceu a sua profissão... a longa distância.

TAUBATÉ

Tem nôvo serviço telefônico

Ao lado: o Prefeito José Alves da Cunha que realizou a ligação inaugural da nova rede. Embaixo: a nova mesa interurbana de Taubaté com quatorze posições.



TAUBATÉ, cidade do interior paulista, inaugurou o seu nôvo serviço telefônico automático, resolvendo um de seus grandes problemas. A fórmula adotada para essa solução foi a do auto-financiamento. A CTB cabe a operação e a administração do nôvo serviço.

No dia da inauguração entraram em serviço, também, cinco novos circuitos interurbanos da CTB diretos com a capital paulistana, que, para isso, instalou 14 posições.

O ato inaugural foi presidido pelo Prefeito Municipal, José Alves Cunha, estando ainda presentes, o Vice-Prefeito, Milton Alvarenga Peixoto; o Dr. Arthur Audrá Filho, Chefe da Casa Civil do Governo do Estado, representando o governador; os Srs. Nivaldo Moreira da Fonseca e Macedo Reis, membros do Conselho Nacional de Telecomunicações; Roberto Cardoso Alves e José Luiz Cembranelli, deputados estaduais; Amelito Marino, presidente da Câmara Municipal; Jauris Guizard, ex-prefeito que assinou o contrato de operação e administração dos serviços telefônicos, e Benedito da Silveira Moraes, ambos vereadores; José Guilherme de Alvarenga Costa, do Conselho da Caixa Econômica Federal; José Portugal Gouvêa, pela CTB, autoridades, chefes de serviço e funcionários da Telefônica.

MARÍLIA

Amplia a sua Rêde Telefônica

COM a presença do Sr. Carlos Reis Filho, Diretor, e de José Portugal Gouvêa Superintendente-Comercial da Divisão do Interior de S. Paulo, bem como de outros chefes, auxiliares, autoridades diversas e convidados, foi inaugurada a primeira etapa do plano de ampliação da rêde urbana de Marília que elevou o número de aparelhos em funcionamento para dois mil e cem. A CTB, aliás, já abriu inscrição para outra etapa de expansão daquela rêde.

O ato inaugural que foi bastante concorrido, teve no trabalho intenso do gerente local, Carlos Franchin, motivação justa.

O equipamento inaugurado recebeu a bênção de D. Hugo Bressane de

Araújo, Arcebispo de Marília, após o que, convidado por J. Portugal Gouvêa, o prefeito municipal, Sr. Otávio Barreto Prado, ligou a chave mestra que colocou em funcionamento na rêde local os 500 novos telefones. Depois, na sala da gerência, José Portugal Gouvêa usou da palavra, referindo-se ao equipamento inaugurado oito meses antes do prazo contratual, ao cálculo de seu custo e à cooperação do Município para que o empreendimento se concretizasse.

Falaram, ainda, em brilhantes alocuções, o prefeito municipal, o deputado Fernando Mauro e o Sr. Nasib Cury.

A CTB ofereceu um coquetel, a seguir.

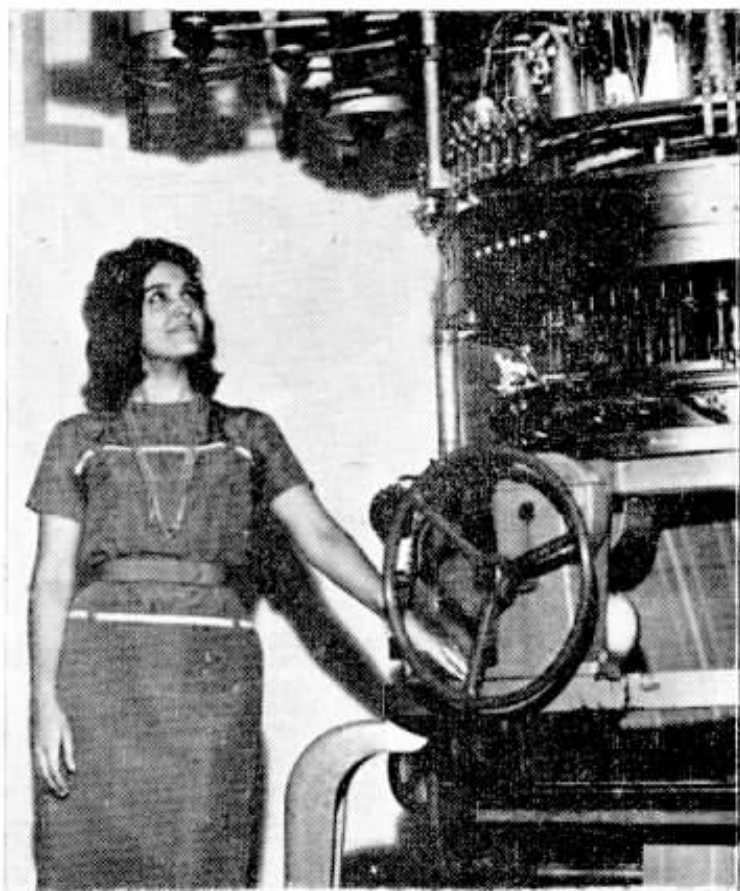
A entrada da próspera cidade de Marília, Estado de São Paulo, o município ergueu um monumento aos pioneiros que a colonizaram.



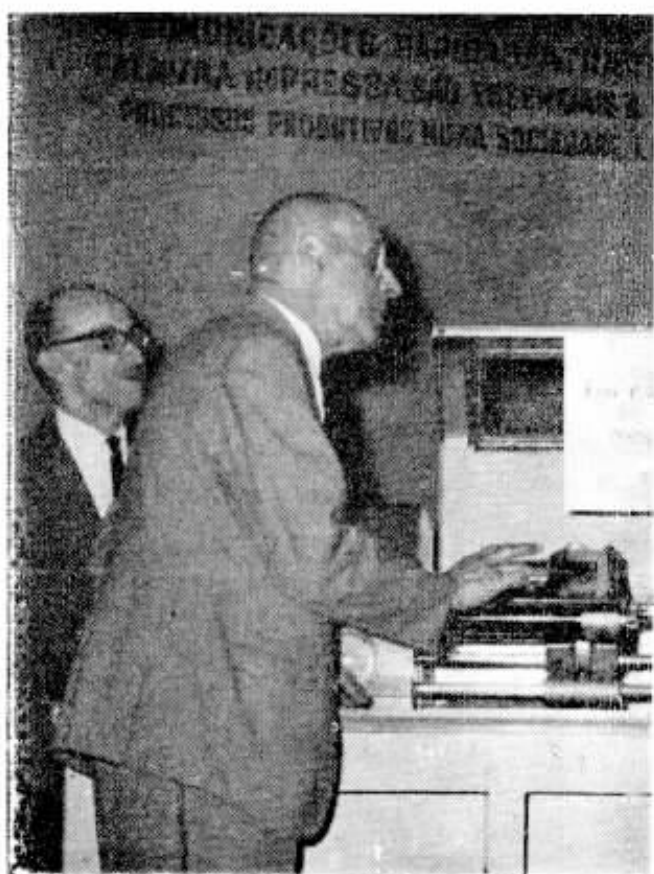
Flagrante tomado na ocasião da inauguração dos novos telefones, em Marília. Partindo da esquerda vêem-se os Srs. Carlos Reis Filho, Haroldo Prestes Miramonte, Carlos Alberto Franchin, o Prefeito Otávio Barreto Prado e J. Portugal Gouvêa.



As colegas Maria José, Eloisa, Solange e Ana Maria deUveram-se no "stand" de exibição dos modelos dos satélites artificiais de comunicações e suas estações de terra, uma das quais funciona em Jacarepaguá.



Eloisa, diante da grande máquina de tecelagem, fez complicados cálculos e achou que bem poderia ter uma "coisinha" daquelas, pronta a fabricar-lhe fazendas...



Já a parte masculina da delegação teve outras curiosidades. Os que têm a fotografia como "hobby", pararam diante da máquina de



Possivelmente pensavam na "vez" de, por éts., falar entre si.

No Rio a grande exposição "Aliados Unidos para o Progresso"

TERVE a maior repercussão no Rio de Janeiro, a inauguração da Exposição "Aliados Unidos para o Progresso", promovida pelos Estados Unidos da América e na qual todo o desenvolvimento industrial, técnico, econômico e social do grande país do Norte foi pôsto em evidência, para multidões de curiosos que compareceram à bem organizada mostra, situada na aprazível Quinta da Boa Vista, no Estado da Guanabara.

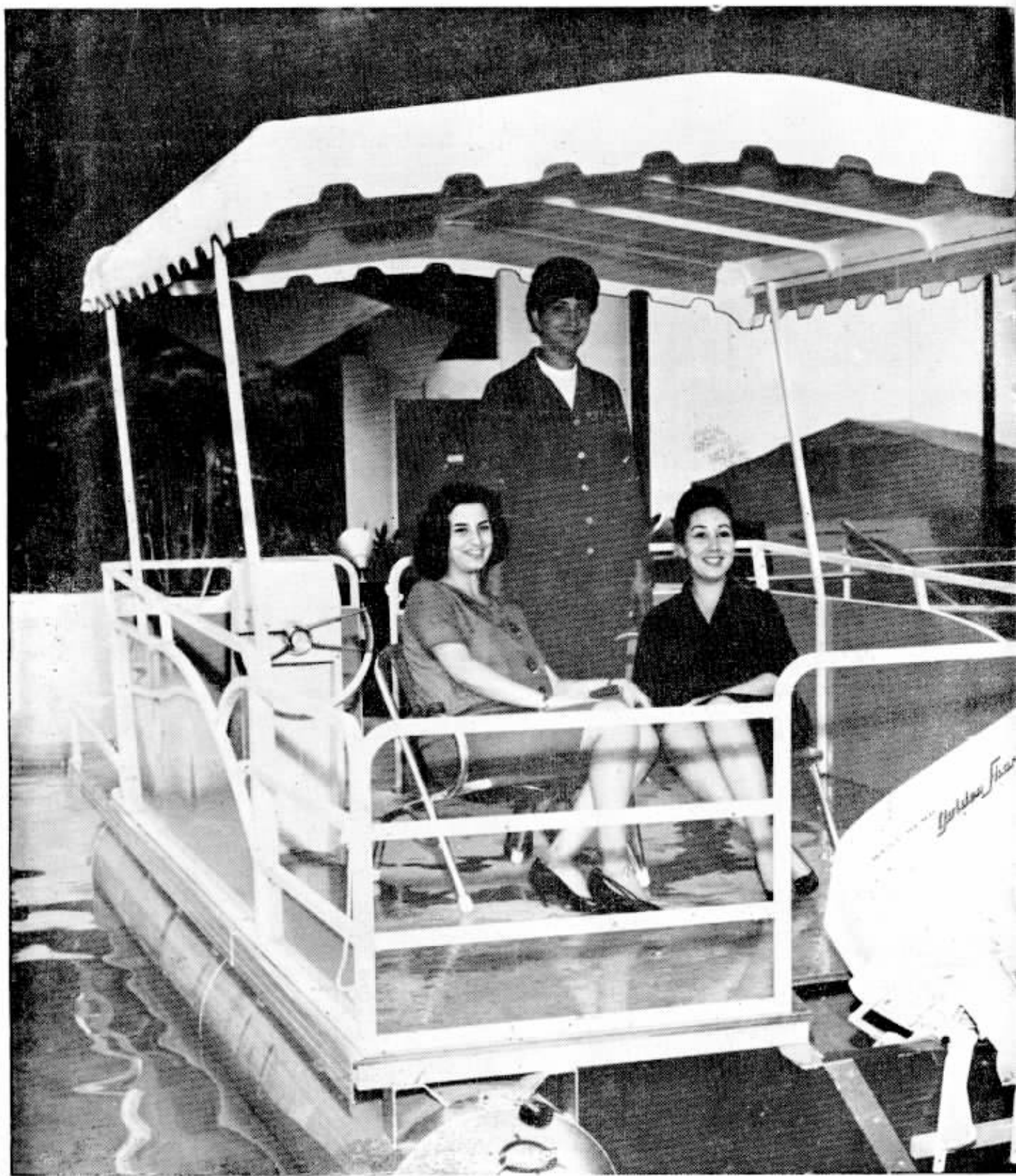
Ressaltando os laços de amizade que unem as duas maiores nações do continente americano, a exposição exibiu produtos, artes e técnicas, destinados a aliviar a mão-de-obra humana e aumentar a produtividade, com a conseqüente elevação dos padrões de vida do povo.



fabricar clichês, impressionados com a rapidez e nitidez do processo. Rodolfo Moulin e Henrique Mirabent não esconderam o entusiasmo.



Maria José, diante do último modelo de máquina de costura, pediu licença, sentou-se e não descansou enquanto não experimentou tudo direitinho. Gostou e... aprovou.



Uma bela embarcação de recreio — em essência uma jangada dotada de todo o conforto moderno — foi outro motivo de interesse de parte das colegas Maria Alice, Lídia e Ana Maria, no lago artificial da Exposição.

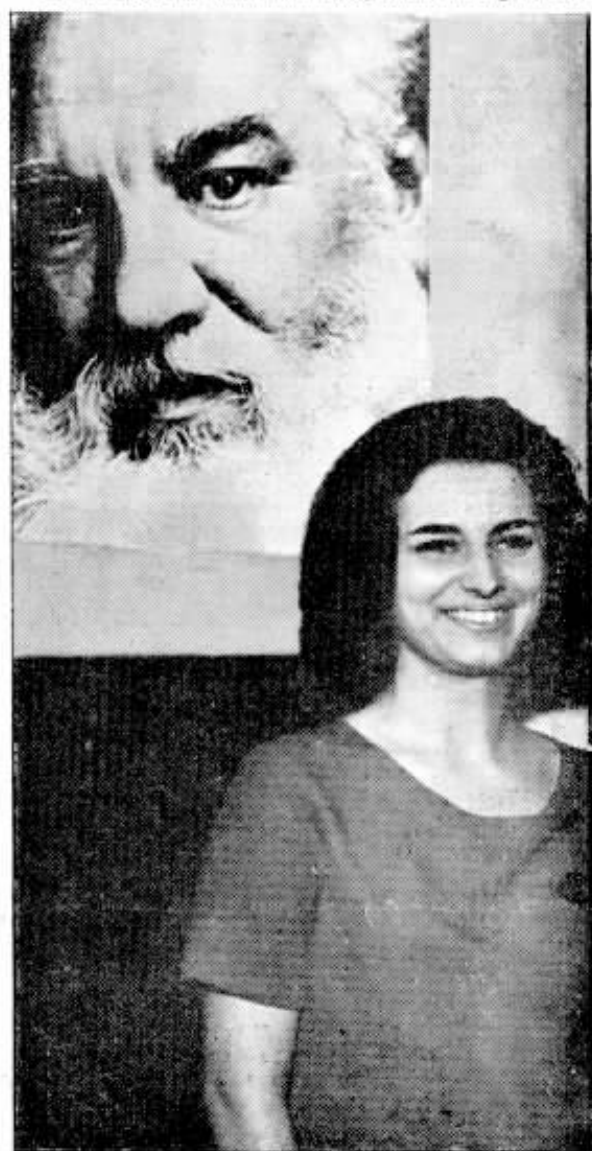


Lidia e Henrique Mirabent deram uma "voltinha", mesmo sem sair do lugar, numa das modernas motos que, completamente equipadas, são usadas pela polícia ianque.

A curiosidade que atingiu a todo o Rio, atingiu também um grupo de colegas da CTB que para ali se deslocou a fim de ver e aprender. Algumas das grandes atrações que despertaram a atenção do pessoal da Telefônica, num interesse mais especial e justificado, foram as miniaturas dos satélites de comunicações com as correspondentes localizações das estações terrestres de controle em Nutley, nos Estados Unidos, e em Jacarepaguá, maravilhas eletrônicas, como a aparelhagem de TV colorida e o moderno sistema de gravação a cores: a cozinha eletrônica que assa a frio, controlada por telefone, objeto de curiosidade maior por parte das nossas colegas, já prelibando maiores horas de folga nos afazeres domésticos, e conquistas outras do espírito inventivo do homem, na senda do progresso.

Foram, enfim, horas agradáveis e excelentemente aproveitadas, a que foram levados os colegas da CTB, sempre presentes quando se apresentam ocasiões de verificar novos avanços da inventiva humana.

Ana Maria e seu sorriso espontâneo, junto ao retrato de Graham Bell, nunca esquecido.



A PRIMAVERA NOS TROUXE SUAS RAINHAS

Lourdes Alonso de Andrade, a nova Rainha da Primavera. Ei-la, sorridente e feliz, recebendo cumprimentos de Magali Amaral e do Dr. Nelson Perroud, presidente do T. C.



Cinco candidatas dignas do título: a Rainha Lourdes Alonso de Andrade tendo, à esquerda, Eurides Trindade de Seixas e Célia Silva e, à direita, Cleide A. da Silva e Doracy de Oliveira.

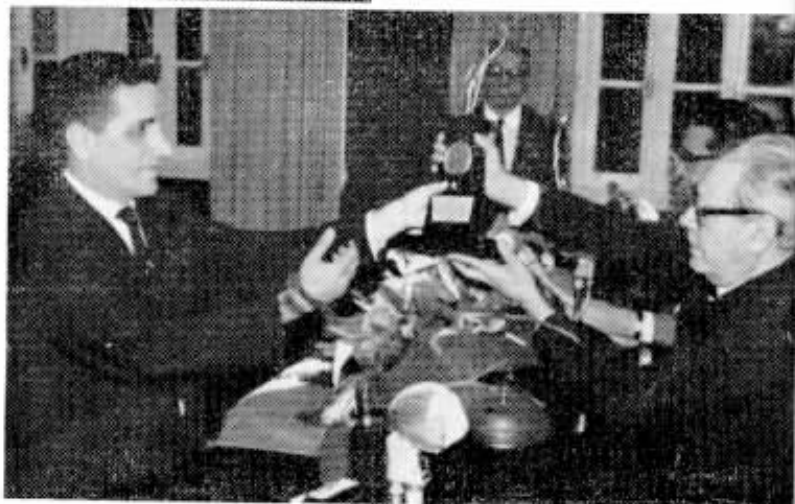
RIO E SÃO PAULO ESCOLHEM NOVAS SOBERANAS



Ana Maria Duarte, foi outra que brilhou na passarela do Estádio Gilberto Cardoso, desfilando com elegância.



Ilma Carvalhal foi eleita rainha do Telefônica Atlético Clube, no Rio. Fez sucesso na passarela, desfilando com elegância.



Althair Fonseca de Paula é cumprimentado pelo presidente da mesa, quando recebia um dos inúmeros prêmios conquistados pelo seu Telefônica Atlético Clube.



HOMENAGEM A CARLOS REIS FILHO

COM um grande almoço realizado no Clube de Engenharia, na Guanabara, superintendentes-gerais, superintendentes, chefes, amigos e colegas homenagearam Carlos Reis Filho, pela sua brilhante atuação com a solução dada pela Prefeitura paulistana para o novo contrato de serviços telefônicos entre a municipalidade local e a CTB. Carlos Reis Filho foi o grande artífice no triunfo de nossa companhia, na obtenção do contrato em causa. Todos os chefes compareceram à ocasião, sendo grande o número de homenageantes.

Os três flagrantes fotográficos contidos nesta página, dizem bem do ambiente de cordialidade vivido no memorável almoço de homenagem ao Carlos Reis Filho, pela sua destacada atuação na obtenção do contrato de São Paulo. Nêles aparecem superintendentes-gerais e chefes que lhe tributaram o justo reconhecimento.



VISITAS À CTB

Os membros do Conselho Nacional de Telecomunicações, Coronel Adlaemar Scaffa Falcão, presidente; Hugo Lisboa Dourado, vice-presidente; e os Srs. Tenente-Coronel José Antônio de Alencastro e Silva, Comandante Fernando de Noronha Barata, Major Têlio Gomes do Amaral, José Antônio Marques, Gonçalo Torrealba, Carlos Gomes, Tenente-Coronel Carlos Alberto Braga Coelho, além do Deputado Enéas Machado de Assis, visitaram as instalações da CTB, na capital paulista, quando de sua estada naquela cidade.

Acima e ao lado, focalizamos aspectos da honrosa visita que membros do Conselho Nacional de Telecomunicações realizaram às instalações da Telefônica na Capital de São Paulo. Todas as dependências foram percorridas; despertando grande interesse àqueles técnicos, em especial, os serviços telefônicos interurbanos.

ABREUGRAFIA PARA OS EMPREGADOS NA



Retira-se do carro especialmente equipado pelo D.N.T., uma das muitas colegas que ali fizeram abreugrafia.

O DEPARTAMENTO Geral do Pessoal promoveu, como parte da Campanha Nacional Contra a Tuberculose, a abreugrafia dos empregados da Companhia, sediados na Guanabara.

Durante vários dias, equipes especializadas do Serviço Nacional da Tuberculose com o possante carro onde se acha instalada a aparelhagem necessária àquele exame, esteve no pátio do edifício da CTB, à Avenida Presidente Vargas, dando cumprimento à sua missão. Munidos de fichas próprias, preenchidas pelo Departamento do Pessoal, os empregados, por grupos, formavam extensas filas, esperando a vez de submeter-se ao necessário e bem recebido exame. Desde os principais chefes da Companhia até os mais modestos colegas, todos se



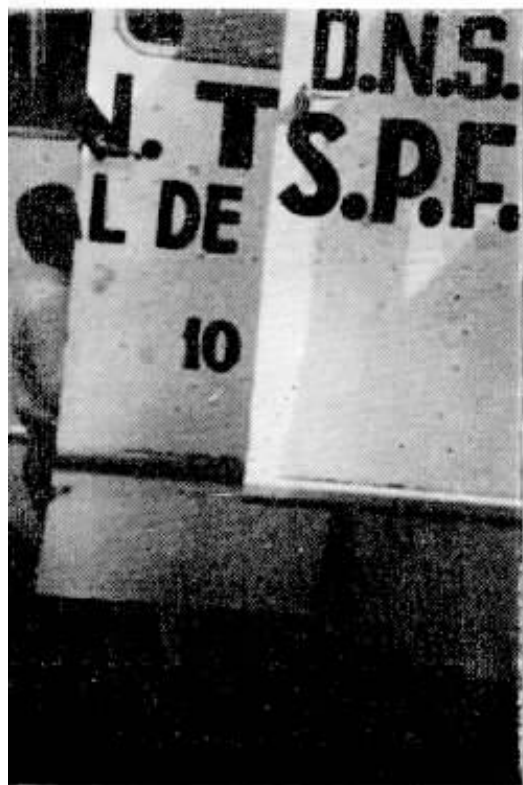
Filas se formaram junto ao carro do Serviço Nacional da Tuberculose, no pátio do edifício dos Escritórios Centrais, na Avenida Presidente Vargas, à espera da vez para submeter-se às radiografias pulmonares. Todos os departamentos estiveram presentes na totalidade de seus funcionários, numa prova elo-

GUANABARA

mantiveram disciplinada e pacientemente na "fila", aguardando o momento preciso para submeter-se ao exame.

Um magnífico exemplo de compreensão e de democracia, êsse que foi dado pelo nosso pessoal de todos os escalões e que deixou vivamente impressionada a operosa e competente equipe do S.N.T. que o atenderam.

Embora o exame fôsse facultativo, todo o pessoal em serviço, e mesmo alguns colegas que se encontravam em férias mas que acorreram ao saber do exame, colaborou para o maior êxito da iniciativa que marcou mais um tento para o Departamento Geral do Pessoal que se desdobrou a fim de que, de fato, os exames transcorressem como mais uma afirmativa eloqüente da colaboração jamais negada pelos empregados da CTB.



qüente do êxito dessa iniciativa no âmbito da Companhia Telefônica Brasileira que a apoiou e aplaudiu.



Dona Francisca Brum, superintendente de Administração do Pessoal, foi uma das que se mantiveram na grande fila, sorridente, à espera de sua vez para ser atendida.

ACONTECIMENTOS NA FAMÍLIA



WANDA É A "TELEFONISTA DO ANO" CAMPINEIRA

Wanda Murilo de Camargo foi escolhida pelo "Diário do Povo", de Campinas, a Telefonista do Ano, numa promoção vitoriosa que já é tradicional na próspera cidade paulista. Manterá o título até junho de 1964, quando se renovará a escolha. O título anterior era de Aparecida Diva Berto Bergamo, escolhida em 1962 com idêntica e simpática repercussão. Um grande jantar foi oferecido pelo jornal campineiro à jovem colega e ao qual compareceu acompanhada de membros da família e companheiras de serviço, além de Guerino Billi, Olavo Gomes Machado e Geny Salvucci Camargo, representantes da direção local da Companhia Telefônica Brasileira, e de representantes do jornal promotor da homenagem que, mais uma vez, brilhou com a iniciativa.



PROMOÇÃO DE LUIZ ZANONI

Os funcionários da Contabilidade da Divisão de São Paulo homenagearam com um jantar, Luiz Zanoni, ao ensejo de sua promoção ao alto cargo de Chefe de Contadoria, com responsabilidade pela Contadoria de



MAIS UM QUE SE APOSENTA

O flagrante foi realizado durante a homenagem prestada a João Raphael Pazzini, da Seção de Instalação e Equipamento de Estação e Mesas de Ligações, de onde era Encarregado. Aposentou-se com 37 anos de CTB.

TELEFÔNICA



Cobrança. Nossa foto foi feita na ocasião, vendo-se, risonho, Zanoni com a esposa, e A. C. Simpkins, Sup. da Contabilidade no Estado.



DUPLO ACONTECIMENTO

Tocante cerimônia registrou-se no Seminário do Ipiranga, em S. Paulo, quando Ambrosio Velho Netto, chefe da Estação de Amparo, e sua senhora, D. Maria Dall'Ara Velho, receberam a comunhão, no dia do aniversário desta, das mãos de seu filho, Domingos Jorge Velho que, nesse dia, também, recebia o diaconato.



Na foto vê-se Roberto Coquillon, Chefe de Seção, entregando a João Raphael, o presente que lhe destinaram os seus colegas de serviço.

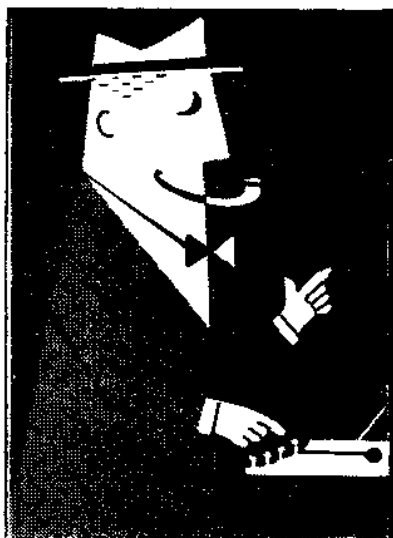
MERECIDA APOSENTADORIA

Virginio Brunêlio, de Sorocaba, também se aposentou. Maria José Fernandes, Telefonista-Chefe, entregou-lhe uma lembrança em nome dos colegas. Na foto ainda, Dirceu d'Almeida, Chefe da Zona de Sorocaba. Cerimônia bonita que será sempre lembrada pelos colegas.



O QUE DIZEM DE **NÓS**

MAIS uma vez registramos nestas páginas, algumas das muitas manifestações de simpatia, mensagens de reconhecimento e louvor, com que são distinguidos os nossos colegas que, defendendo a tradição de bem servir de nossa empresa, buscam, no exercício de suas tarefas, dar cabal cumprimento a um serviço de alto interesse público.



Vários agradecimentos:

O Sr. Takeo Kasai, gerente da Kasai Bebidas e Conexos King Ltda., da cidade de Bauru, São Paulo, externa os seus agradecimentos às telefonistas, pela atenção que lhe dispensaram nas chamadas telefônicas por ocasião do falecimento da esposa do sócio fundador da referida firma.

A assinante Maria José Loureiro, de Jacareí, São Paulo, em carta enviada à CTB, diz o seguinte: "Pela família, pedimos transmitir às telefonistas de Jacareí, o nosso profundo agradecimento pelo carinho, solicitude e urgência, com que providenciaram as chamadas telefônicas durante a doença e morte de nossa querida mãe, Leonídia Mercadante Loureiro".

* * *

As telefonistas Tereza Gomes Pinto, Ksenia Dosmanof, Aparecida Cruz Pinto, Ela Cruz, Isabel Crespo Ramiro e Eunice Pereira, da cidade de Mogi das Cruzes, São Paulo, foram alvo de encômios do jornal "Diário de Mogi", pelos serviços que prestaram pela verificação de um desastre aviatório ocorrido em São Paulo, em que pereceu um mogiano.

* * *

Também a Câmara Municipal de Ourinhos, São Paulo, em requerimento do vereador Benedito Pimentel, elogia a eficiência das telefonistas locais, pelo atendimento aos representantes da imprensa, em suas ligações com jornais de São Paulo, na divulgação do desastre ocorrido com dois caminhões na divisa das cidades de Xavantes e Ribeirão Claro.

O Vereador Flávio Ferraz de Carvalho apresentou à Câmara Municipal de Araquara, em S. Paulo, requerimento para a consignação de um voto de elogio à CTB, administradora e operadora do Serviço Municipal de Telefones local, pela maneira por que vem dirigindo o referido serviço, dando conhecimento da deliberação à Companhia, através de seu Gerente local, José Benedito de Carvalho Mello. O requerimento assinalou a instalação em tempo recorde, de rede de telefones automáticos, logo seguida de substancial ampliação.

* * *

O "Correio de São Carlos", de São Carlos, S. Paulo, focaliza as nossas colegas telefonistas daquela cidade, abordando "o trabalho das anônimas moças que, com sua dedicação e paciência, tendo por meio a notável invenção de Graham Bell, tornam possível as comunicações entre a nossa cidade e todo o Brasil, para não dizer, com todo o mundo". Citou, ainda, os Srs. José B. Carvalho Melo, gerente de Distrito, José Alves Cunha e Romeu Felizardo.

* * *

Em carta enviada à Companhia, o Dr. Paulo Yazbek, Secretário-Geral da Comissão Organizadora e Executiva dos IV Jogos Pan-Americanos, agradece e enaltece a colaboração dos nossos colegas Milton Galon, Epiphânio Silva, Geny Monteiro, Yvette Rossi Guedes, Josefina L. Pereira, Maria Lúcia Vasconcelos, Neuza Formigon, Margarida Junko Kunitaki e Tereza Abracheli, que demonstraram verdadeiro espírito de compreensão em tôdas as ocasiões, quando da realização dos IV Jogos Pan-Americanos, em São Paulo.

* * *

Agradecimento à direção da Companhia e às telefonistas que muito colaboraram para a realização da

Concentração Inter-Estadual da Lavoura, em Pirajú, São Paulo, é o teor do ofício enviado à CTB pela Associação Rural de Piraju.

* * *

Nota da firma Irmãos Raífi & Cia. Ltda. às nossas telefonistas, publicada no jornal "Correio Popular", da cidade de Campinas, São Paulo, diz o seguinte: "Tendo havido um incêndio em uma das dependências do Motel Raffi, à Via Anhanguera Km 13, por intermédio desta, fazemos públicos os nossos agradecimentos às dignas telefonistas da C.T.B. de Campinas e de Sumaré, que se encontravam no plantão. Elas tudo fizeram para que conseguíssemos todos os recursos, a fim de debelarmos o fogo".

DIA DAS TELEFONISTAS

O Sr. Romualdo Possi, Presidente da Câmara Municipal de S. Carlos, S. Paulo, comunicou à CTB, em atencioso ofício, ter sido consignado nos anais daquela Assembléia, voto de congratulações pela passagem do "Dia da Telefonista", através de moção dos edis José Bento Carlos Amaral e Mário Tolentino.

* * *

O "Dia da Telefonista" também foi exaltado em Poços de Caldas, Minas Gerais, na crônica publicada no "Diário de Poços de Caldas", que Sérgio Sebastião Lopes escreveu.

* * *

Telefonistas de São Paulo, ao comemorarem o "Dia da Telefonista", escolheram a menina argentina, Rosa Ana, para sua mascote. Ela é filha de um empregado dos serviços telefônicos de Buenos Aires, e esteve na Capital paulista para submeter-se a delicada intervenção cirúrgica.



Em ampla reportagem, o jornal "Shopping News", distribuído em São Paulo, faz referências ao "Dia da Telefonista" e ao seu padroeiro, São Miguel. Enaltece o trabalho diligente das telefonistas a quem chama de anjos.

* * *

O Sr. Roberto Martins, assessor da presidência da Associação da Marinha Mercante do Rio de Janeiro, enviou telegrama à nossa Companhia, de congratulações pela passagem de mais um "Dia da Telefonista".

* * *

Ofício da Emissora Continental, da cidade de Campos, Estado do Rio de Janeiro, enviado à nossa Companhia, felicita às telefonistas e aos demais funcionários da CTB, pelo transcurso do "Dia da Telefonista".

* * *

Reportagem do jornal "O Estado de São Paulo", editado na Capital paulista, faz

referências elogiosas às nossas colegas telefonistas, na comemoração do seu dia, dizendo o seguinte: "Vinte e cinco mil telefonistas comemoram, hoje, em todo o Brasil, o dia consagrado à sua profissão". E entre outras citações: "nesse dia singular, o nosso respeito e a nossa carinhosa homenagem a todas aquelas que, no cumprimento do dever, sabem se impor no desempenho de seu trabalho".

* * *

Da cidade de Assis, São Paulo, a Rádio Difusora local, em ofício enviado à CTB, assinala seus agradecimentos "pelas atenções que vimos recebendo das delicadas e competentes telefonistas, indistintamente, no que tange às ligações para as nossas transmissões esportivas".

* * *

Os vereadores da Câmara de Barra do Piraí, Estado do Rio de Janeiro, dedicaram a moção n. 24/63 às nossas colegas telefonistas pela passagem do "Dia da Telefonista".

O TENENTE-CORONEL Rubens Torres Carrilho, novo Interventor Federal na CTB, no Estado da Guanabara, é um dos mais brilhantes oficiais de nosso Exército e um especialista em Eletrônica dos mais respeitados. Cadete de 1940, foi declarado aspirante na arma de Cavalaria em janeiro de 1944, sendo promovido a segundo-tenente em abril desse ano. Em 1945 recebia a patente de primeiro-tenente, indo a capitão em 1950 e a major, por merecimento, em 1956, sendo deste ano, também por merecimento, a promoção a tenente-coronel. Possui o Coronel Carrilho vários cursos na sua carreira vitoriosa de militar distinto, tais como o de Motomecanização, feito na Escola de Motomecanização do Exército; o de Engenharia Militar, na especialidade de Eletrônica, na antiga Escola Técnica do Exército, atual Instituto Militar de Engenharia e um curso de extensão da mesma escola — o de Introdução à Engenharia Nuclear.

Sua vida militar levou-o a vários pontos do território nacional, tendo servido em Bagé, no Rio Grande do Sul; em Deodoro, na Guanabara e em Fernando de Noronha, como assessor técnico do Estado Maior, no Posto de Observação ali instalado. Como instrutor tem tido destacada atuação, servindo, primeiro, na Escola de Motomecanização, de 1947 a 50, como Instrutor de Eletricidade de Automóveis e, depois, por duas vezes, com o intervalo motivado pela sua nomeação para oficial-de-gabinete do Ministro Teixeira Loff, como professor de Eletrônica Aplicada, Computadores Analógicos, Radar e Técnica de Pulsos, na Escola Técnica do Exército. Serviu ainda, na Diretoria de Comunicações do Exército e no Parque de Comunicações, como Encarregado do recebimento e funcionamento dos radares e como Chefe da Equipe Móvel de Reparações de Radar. Em novembro de 1962, o Tenente-Coronel Rubens Torres Carrilho foi nomeado sem prejuízo das suas funções no Instituto



Acima o Tenente-Coronel Rubens Torres Carrilho, novo Interventor Federal na Guanabara e, ao lado, o General Aulette A. Puertas que desempenha idênticas funções em S. Paulo. O Gen. Aulette acaba de ser promovido.

de Engenharia, Assistente Técnico do Interventor Federal na Companhia Telefônica Brasileira, então o General Pery Guedes de Carvalho. Em novembro de 1963, coube-lhe a vez de substituí-lo nessas funções. O novo Interventor possui a Medalha de vinte anos de bons serviços, a do Mérito Tamandaré e a da ordem do Mérito Militar, no grau de Cavaleiro.

NOVOS INTERVENTORES NO RIO E EM SÃO PAULO

Nomeados o General Aulette
Albuquerque Puertas e o
Tenente-Coronel
Rubens Torres Carrilho



O GENERAL-DE-BRIGADA Aulette Albuquerque Puertas, expressão na arma de Cavalaria, tem tido destacada atuação militar servindo quase sempre em guarnições do Sul e da fronteira, como sejam Santana do Livramento e Dom Pedrito, no Rio Grande do Sul. Mas não só ali, e sim, também, no Regimento Escola da Vila Militar, no Rio; em Juiz de Fora, na Escola de Equitação, na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, também no Rio, como instrutor dos oficiais da Polícia Militar do Distrito Federal, hoje da Guanabara; na Escola de Comunicações do Exército; nos Dragões da Independência, na Escola de Comando e Estado Maior, além das funções de ajudante-de-ordens do General Senna Vasconcelos e das que exerceu de fevereiro de 62 em diante no Quartel General da 2.^a Região Militar e, mais tarde, no QG da 2.^a Divisão de Infantaria, ambas em São Paulo. Aspirante a oficial em dezembro de 1939, o atual General-de-Brigada Aulette Albuquerque Puertas, foi segundo-tenente em dezembro de 1940, primeiro-tenente em abril de 1943, capitão em dezembro de 1945, major em julho de 1953, tenente-coronel em dezembro de 1960, e por fim, por decreto de 2 de dezembro último, General-de-Brigada.

E' o primeiro Interventor Federal destacado para São Paulo, tendo constituído seu gabinete com o assessoramento militar dos seguintes oficiais: Major Frederico Pamplona, Major Rivaldo Dias de Souza e Silva e Capitão Robson Scardua, todos destacados para o gabinete do Interventor que, a exemplo do Rio de Janeiro, funciona no edifício-sede da Companhia Telefônica Brasileira, ali sito na Rua Sete de Abril.

GUANABARA E SÃO PAULO HOMENAGEARAM VETERANOS



Mesa que presidiu a solenidade dos veteranos, em São Paulo, vendo-se, entre outros, o Sr. Carlos Reis Filho, na ocasião em que falava José Portugal Gouvêa.



Aspecto da festa, vendo-se, sentados, os veteranos, cercados da grande assistência às solenidades realizadas em São Paulo, quando foram eles alvo de uma expressiva demonstração de afeto e simpatia.



O flagrante é da mesa que presidiu as solenidades da homenagem aos veteranos na Guanabara, vendo-se o Sr. Carlos Reis Filho, entre superintendentes-gerais, na ocasião em que saudava os colegas.

A COMPANHIA TELEFÔNICA BRASILEIRA tem orgulho em formar entre as empresas que possuem o maior número de funcionários estáveis no País. Dadas as suas atividades, lidando com um serviço público da mais alta importância e que requer na maior parte de seus setores, uma especialização que demanda cuidados especiais de preparo e estudo, quase sempre de técnica apurada e perfeita, esses funcionários formam uma grande e unida família que, todos os anos, tem as suas reuniões festivas, assinalando mais degraus alcançados numa convivência feliz.

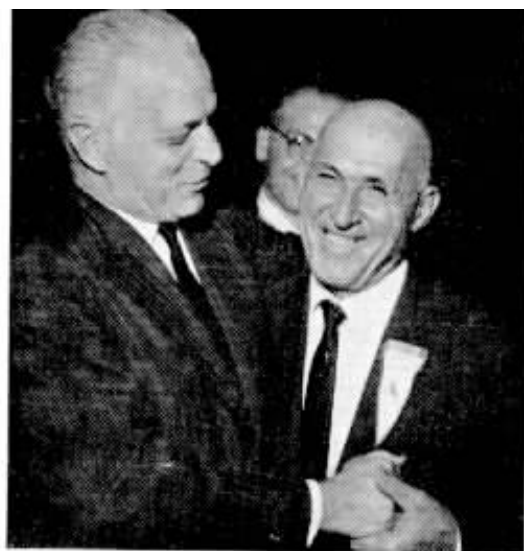
Nestas páginas e nas subseqüentes, reunimos os veteranos que receberam agora seus símbolos de muitos anos de dedicação à causa comum, nas solenidades realizadas na Guanabara e na cidade de São Paulo, às quais compareceram Superintendentes-gerais de Departamento e outros dirigentes, colegas e seus familiares, ambas presididas pelo Sr. Carlos Reis Filho.



Geraldo Blum, Superintendente Comercial em São Paulo, festejou quarenta anos de serviço à CTB. Marília Brasil Galvão, em nome de seus auxiliares, ofereceu-lhe uma amável lembrança.

40

A N O S



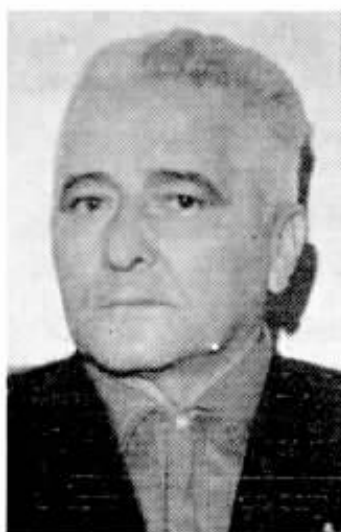
Manoel Lorenzo Ortega, da Rede de São Paulo, recebeu o abraço de Carlos Reis Filho, pelos quarenta anos de labor.



Júlia B. Valle
Rede
Guanabara



Roberto Todovertto
Contabilidade
São Paulo



Egydio David
Rede
São Paulo



Armindo Augusto
Rede
São Paulo



Alexandre Puchkarew, da Rede de São Paulo, recebeu seu símbolo de quarenta anos de intensa atividade, das mãos de sua esposa.

Ihollanda S. Lima Prates, da Contabilidade da Guanabara.





Aldo A. Rocha, Supte. de Administração do Pessoal, recebeu emblema das mãos de sua filha.



Edvardas Malauskas, Antônio Gutierrez, Hans Nicolai e Augusto Fellippe, de pé. Albino Bohnstedt, José Henrique Longo, Miguel Perez Tejada e Alfredo Guimarães, sentados. Todos de São Paulo. Ao lado, J. A. Wiltgen, Engenheiro-Chefe, recebeu no abraço de Carlos Reis Filho, a homenagem de toda a companhia e colegas.



Alda Baptista, do Pessoal e Treinamento de Rede, outra festejada e aplaudida veterana.

Anita Corrêa Garcia, do Comercial da Divisão da Guanabara, recebeu de L. J. Goulart, Superintendente-Geral Comercial, o seu símbolo.



ANOS



Marialva F. Melo
Tráfego
Guanabara



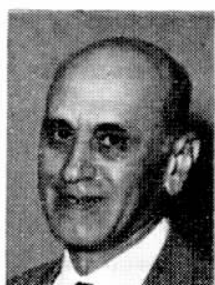
Gonçalo Macedo F.º
Tráfego
Guanabara



Sebastião P. Alcayde
Rêde
São Paulo



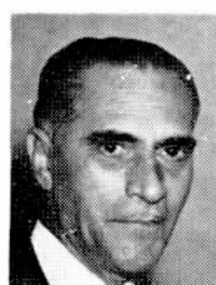
Arminda Almeida
Rêde
Guanabara



Darcy J. Adese
Rêde
Guanabara



Pedro F. Leite
Rêde
Guanabara



Jorge A. Araújo
Rêde
Guanabara



Italia Protti
Tráfego
São Paulo



Tolstoy F. Guimarães
Rêde
São Paulo



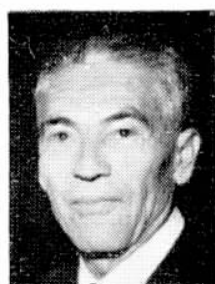
Juracy A. Lins
Contabilidade
São Paulo



Leonidas J. Granoff
Rêde
São Paulo



Maria C. Souza
Contabilidade
São Paulo



Jeronymo F. Pedrosa
Rêde Interior
São Paulo



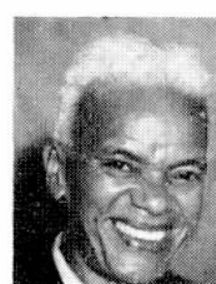
Isaura A. Silva
Comercial
Guanabara



Manoel S. Coelho
Rêde
Guanabara



Fernando Roque
Rêde
Guanabara



Jose A. Gusmão
Rêde
Guanabara



Consuelo C. Rapozo
Comercial
Guanabara



Fausto Pacheco
Rêde
São Paulo



Zulmira Castilho
Contabilidade
São Paulo



Antônio Gutierrez
Rêde
São Paulo



Maria G. Jardim
Tráfego
São Paulo



Visentas Kulisauskas
Rêde
São Paulo



Seraphim C. Moreira, da Contabilidade, da Guanabara, recebeu o sino de 35 anos, de Anselmo Patricio, Controlador.



Paulo Ovídio L. Coimbra, da Rêde da Guanabara, recebe sorridente a homenagem dos colegas, através de L. Kaufman.



Margarida Carvalho Feital, do Tráfego, do Rio, recebeu emblema, de Hildebrando Silva representando Marialva Mello.



José C. Cruz
Rêde
São Paulo



Julio Sirvinskas
Rêde
São Paulo



Bernardo Jorge
Rêde
São Paulo



Emilia M. Melo
Rêde Interior
São Paulo



Artur Jacob
Rêde
São Paulo



Alzira A. B. Leite
Tráfego
São Paulo



Nadir S. Pereira
Tráfego
Guanabara



Dorval G. Corrêa
Rêde
Guanabara



Isabel M. Barreiro
Tráfego
Guanabara



Ana P. Brito
Comercial
Guanabara



Antônio I. Santos
Rêde
Guanabara



Maria V. C. Vilalba
Comercial
Guanabara



Francisco Z. Perez
Rêde
São Paulo



Francisco Tritto
Rêde
São Paulo



Inácio B. Morilo
Rêde
São Paulo



Ao alto, quando da visita às instalações da Ishikawajima e aos navios já lançados, vendo-se o Sr. Antônio Bernardino de Oliveira Andrade Filho, na demonstração dos serviços. Embaixo, a mesa que presidiu ao encerramento da reunião, com Osvaldo Peniche e seu assessor Zely Goudá, ao centro, e Osvaldo Peres, Antônio B. Oliveira Filho, da Ishikawajima e Elpidio C. de Mattos, Presidente da CIPA da CTB.

CURSO DE SEGURANÇA NO TRABALHO

CONTINUANDO a seqüência de Mesas Redondas que o Departamento Geral do Pessoal vem realizando sobre "A Segurança no Trabalho", quando reúne elementos de chefia de vários departamentos e promove debates sobre a prevenção de acidentes na Companhia, foi realizada, como complementação dos estudos intensivos feitos, uma visita à Ishikawajima do Brasil Estaleiros S. A. na Ponta do Caju, onde puderam os componentes da III Mesa Redonda examinar, numa outra empresa, como esta procede em relação à segurança de trabalho de seus auxiliares.

A visita foi bastante proveitosa e admirada por todos os participantes que tiveram o ensejo de ver, em funcionamento, uma das maiores empresas em construção naval da América do Sul, modelar nos seus serviços. Nos galpões, nas carreiras de construção naval, nas oficinas, por toda a parte, o nosso pessoal, munido de capacetes apropriados à defesa de cabeça contra possíveis acidentes, teve o ensejo de ver, na prática, toda uma

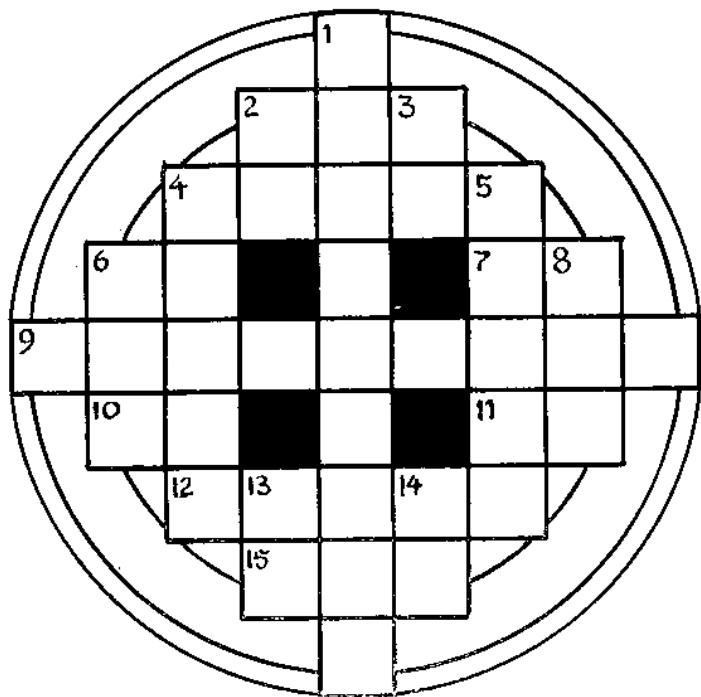
série de medidas de segurança preconizada para os servidores da Ishikawajima.

Foi o corolário brilhante das reuniões de estudo onde um amplo programa foi desenvolvido com real interesse, com a apresentação de hipóteses-problema, sugestões recomendações e conclusões de importância.

Tendo a colaboração direta da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA) e a coordenação geral de Elpidio Corrêa de Mattos, com a assistência de Newton da Silva Rocha, Virgílio Diego Caballero e Osvaldo Peres, a III Mesa Redonda sobre Segurança do Trabalho, teve como Relator Osvaldo D'Almeida Peniche, do jurídico, e Assessor Zely Goudá, da Rede, com a participação de Thomé J. Torres, do Tráfego; Edu de Souza e Erothildes C. de Oliveira, da Rede; Jair Coelho, de Relações Públicas; Rogério R. Motta Rosa Cruz Ferreira, Sylvio Armbrust e Waldemar A. Marinho, da Engenharia; Ernani Linhares Lima, da Contabilidade; Herculano S. Silva e Moacyr Capucci, do Comercial.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 4



HORIZONTAIS

- 2 — Substância volátil.
- 4 — Folga, descanso.
- 6 — Em partes iguais.
- 7 — Símbolo químico do Níóbio.
- 9 — Importunar.
- 10 — Feminino da terminação ão.
- 11 — Artigo feminino plural.
- 12 — Esfera ou ramo de atividades.
- 15 — Tritura, esmaga.

VERTICAIS

- 1 — Tremor do mar, plural.
- 2 — Nome da sétima letra do alfabeto.
- 3 — Nota musical.
- 4 — Lâminas.
- 5 — Decorrer.
- 6 — Aniversário.
- 8 — Ama sêca, plural.
- 13 — Preposição.
- 14 — Interjeição de espanto.

RESPOSTAS DO PROBLEMA N.º 3

HORIZONTAIS: 1 — Canária; 6 — Ar; 7 — Ba; 8 — Cavalari; 9 — It; 10 — Lá; 11 — Maioral.

VERTICAIS: 1 — Cacim; 2 — Aratá; 3 — Abalo; 4 — Ralar; 5 — Abril.

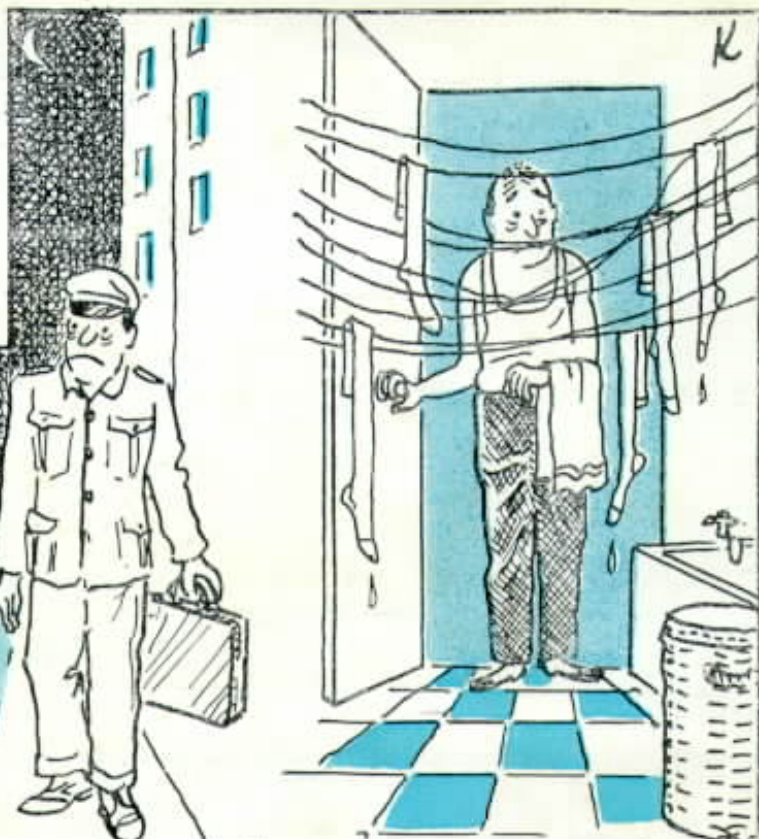
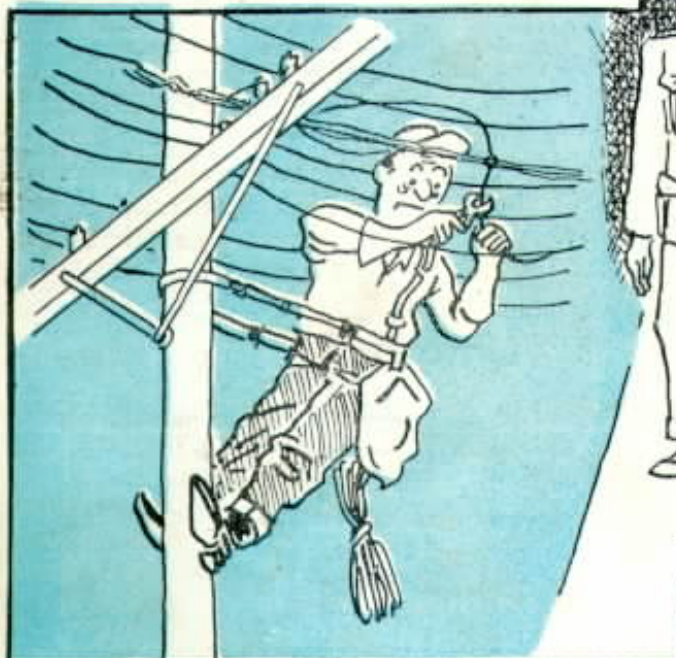
A ORIGEM DA EXPRESSÃO "OK"!

A expressão "O. K." anda de boca em boca, significando que se compreendeu, resolveu, aprovou ou combinou alguma coisa. Entretanto, quantos conhecerão a origem do "O. K."? Eis a origem: Andrew Jackson, aos treze anos, entrou para o exército americano e tomou parte em batalhas célebres das forças dos "insurretos". Tornou-se jurista, oficial superior, diplomata e político, chegando a ser presidente da república norte-americana. Apesar disso, a sua ortografia deixava muito a desejar, sem que ele se esforçasse por corrigi-la. Conta-se que, durante uma campanha, um ajudante-de-

campo levou-lhe uma mensagem que devia ser por ele aprovada com as iniciais "A. C" que correspondem à fórmula clássica abreviada, de "All Correct" isto é, "muito bem", "está correto". Jackson, que devia traçar apenas duas letras "A. C", aproveitou a oportunidade para perpetrar dois erros ortográficos. Com efeito, "All correct" pronunciava-se "Ol Korrekt", e o ilustre general escreveu as duas letras tal como as pronunciara: "O. K." e assinou. Dêsse modo, a fórmula "O. K." tinha nascido. O exército, por pilhéria, adotou-a. E ela subsistiu até hoje, espalhada pelo mundo inteiro.

Sino Humor

através da imprensa mundial



- ÈLE NÃO SAI DA "LINHA"!...



-POR QUE TANTA PRESSA, MARIA?!
O TELEFONE ESPERA UM POUCO!...



-JA' VOU PARA CASA,
QUERIDO; EU SÓ QUERIA SABER
SE V. ESTA' BEM HUMORADO...



-TIVE QUE TERMINAR UM TRABAHO URGENTE NO ESCRITÓRIO...



-ESTOU TÃO ESGOTADO...



-...QUE V. NEM TINHA FORÇAS
PARA TIRAR O FONE DO GANCHO
QUANDO LIGUEI PARA LA', NÃO É?!...